

LEITURA E PRODUÇÃO DE CONTO DE SUSPENSE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Joyce Luana Feitosa Chagas²
Marcelo Medeiros da Silva³

RESUMO

O presente trabalho é o relato de experiência de atividades desenvolvidas no Programa de Residência Pedagógica, subprojeto de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, localizada na cidade de Monteiro-PB. O objetivo é descrever como se deu as escolhas metodológicas e pedagógicas na aplicação de um bloco de aulas da primeira experiência em sala da residente. Durante as aulas, diversas estratégias foram utilizadas e adaptadas para o trabalho com as práticas de leitura e produção textual do gênero conto de suspense em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino. Baseando-se em documentos educacionais e teóricos especialistas nas práticas citadas, tornou-se possível o pleno trabalho com a leitura e a escrita na sala de aula. A experiência aqui relatada visar refletir acerca dos desafios encontrados nas regências das aulas e, em específico, no processo de produção textual. Ademais, também serão explicitados os sucessos obtidos na produção de uma antologia escrita e ilustrada pelos próprios alunos e na construção do conhecimento pedagógico e pessoal adquirido pela residente.

Palavras-chave: Programa de Residência Pedagógica; Língua Portuguesa; Leitura; Escrita; Contos de suspense.

INTRODUÇÃO

A experiência a ser relatada é decorrente da aplicação da primeira sequência didática realizada em uma turma do 8º ano de uma escola da rede pública de ensino do município de Monteiro – PB. Os conteúdos dessa sequência didática foram concordância verbal e o gênero textual conto. A escolha da experiência para relato se deu devido ao fato de sua característica transformadora e de seus resultados frutíferos, tanto para os alunos como para os residentes. Na primeira intervenção foi possível trabalhar leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica, diferentemente das demais sequências didáticas que englobaram alguns imprevistos diversos. Outro diferencial dessa experiência é que os alunos conseguiram produzir

¹ Artigo desenvolvido para relato de experiência decorrente do produto final do Programa de Residência Pedagógica (PRP) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (doravante CAPES);

² Graduanda do Curso de Licenciatura plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e-mail: joyce.chagas@aluno.uepb.edu.br;

³ Professor orientador: Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e docente da Universidade Estadual da Paraíba, onde atua no curso de Letras do campus VI no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), ambos no campus I; e-mail: marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br.



e ilustrar uma antologia de contos de suspense. Dessa forma, esta foi a experiência vivenciada mais marcante em sala de aula durante o percurso de residência.

Considerando o contexto que delineamos acima, o objetivo geral deste trabalho é descrever os procedimentos adotados pelos residentes, as abordagens implementadas em sala de aula, os recursos utilizados e os resultados visíveis decorrentes desta primeira sequência. Ademais, o trabalho busca refletir sobre todas as lições preciosas obtidas no percurso pedagógico, realizando uma reflexão sobre os desafios vivenciados e os sucessos obtidos no contexto educacional e, primordialmente, no processo de leitura e produção textual no Ensino Fundamental Anos Finais (EFAF).

Para a realização do trabalho feito nesta experiência, fez-se necessária a escolha de textos teóricos e norteadores. Como referencial teórico principal foi utilizado Rildo Cosson (2006) no que tange à elaboração de sequências didáticas voltadas para a formação do leitor de literatura, os documentos educacionais da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) e da Proposta Curricular do Estado da Paraíba – PC-PB (2019) para a abordagem dos eixos de leitura e produção textual em sala de aula; Denise Lino de Araújo (2013) para reflexões sobre o ensino de língua portuguesa e a prática de leitura e de escrita em sala de aula; Isabel Solé (2014) para discussão sobre as estratégias de leitura; e, por fim, Leandro Karnal (2012) para uma reflexão sobre a sala de aula e o exercício da profissão docente.

Na sala de aula: suspense, leitura e produção

A experiência aqui relatada ocorreu na turma de 8º ano “B” da Escola Adalice Remígio Gomes, localizada na cidade de Monteiro-PB. A totalidade das aulas de intervenção que abrangeram a sequência didática foram dez e ocorreram no período de 06/07/2023 a 19/07/2023. A sequência didática que guiou a experiência foi dividida em dois blocos: o primeiro guiou a leitura e a produção textual de contos de suspense e o segundo abarcou o trabalho com o fenômeno da concordância verbal. Os momentos relatados aqui serão os que compreendem o primeiro bloco, que foi organizado em seis aulas.

A turma designada para o trabalho tinha em torno de vinte alunos matriculados. Os objetivos específicos das seis aulas eram: identificar elementos culturais e identitários utilizados para provocar receio, medo, temor, etc.; ler os contos “Casa de fazenda” e “Estradinha de barro”, de Márcio Benjamin (2020), a fim de trabalhar com os alunos a leitura e o reconhecimento do gênero conto de suspense; compreender os elementos que constroem a narrativa de suspense a partir da análise de um mapa mental e identificar esses elementos nos

contos para compreender sua estrutura a fim de produzir pequenos contos de suspense para a criação de uma antologia ao fim da sequência. Por questões de organização e compreensão esta seção será dividida em duas partes: a primeira relata as partes de motivação, leitura dos contos e o trabalho com o ensino do gênero conto (três aulas e meia); a segunda irá focar no processo de escrita, reescrita e elaboração da antologia de contos (duas aulas e meia).

No início para a motivação das aulas de leitura o objetivo foi criar um ambiente propício para despertar o interesse dos discentes e promover uma imersão significativa no universo literário do suspense. Esse objetivo levou a uma decoração estratégica da sala de aula no primeiro dia de aplicação da sequência. A decoração, trazendo elementos que remetem ao suspense e ao conto explorado, foi feita para prender a atenção dos alunos para a leitura e fazer com que eles não focassem em assuntos exteriores a sala de aula. Antes da leitura, algumas perguntas foram feitas a respeito do título do texto. Após as perguntas, os alunos sentaram-se em círculo no chão da sala, uma caixa foi entregue a eles juntamente com impressões do conto “Casa de Fazenda” (que conta a história do personagem folclórico lobisomem). Em seguida, uma pequena dinâmica foi realizada: uma melodia soava suavemente enquanto os alunos passavam a caixa entre eles e no momento da pausa da melodia o aluno que detinha a caixa lia uma pequena parte do conto em voz alta e tentava adivinhar quem era o protagonista daquele texto. Durante as pausas, algumas discussões sobre o que se tinha lido até o momento eram construídas.

Após o fim da leitura algumas perguntas sobre o texto lido foram feitas, os alunos comentaram sobre o que acharam da história e contaram para a turma como chegaram à conclusão de quem era o personagem principal sem ao menos terminar a leitura. Após esse momento, um dos residentes narrou para a turma a lenda do lobisomem que pertence ao livro Abecedário de personagens do folclore brasileiro, de Januária Cristina Alves (2017). Após o momento de leitura, uma atividade oral foi realizada: perguntas de reconhecimento da história contada e reflexões sobre as diferenças presentes em ambos os textos.

A escolha da decoração do ambiente e da narração (no segundo texto) é uma indicação feita pela BNCC (2018) para o trabalho literário infantil. Essas escolhas de procedimentos para o EFAF se deve ao fato de ser preciso trabalhar a leitura/escuta prazerosa com os alunos, visto que a turma não tinha consolidado o hábito de ler e essas escolhas temáticas visavam mostrar para o aluno que os textos são bons e que a leitura pode ser divertida e não entediante. Ao falar sobre o ato de ler e a sequência no processo de leitura em sala de aula, Solé (2014) afirma que

[...] a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias [...] Em geral, essa sequência inclui a leitura em voz alta pelos alunos de um determinado texto – cada um deles lê um fragmento, enquanto os outros “acompanham” em seu próprio livro; se o leitor cometer algum erro, este costuma ser corrigido diretamente pelo professor ou, a pedido deste, por outro aluno. Depois da leitura elaboram-se diversas perguntas relacionadas ao conteúdo do texto, formuladas pelo professor. (p. 39 – 43).

Pensando nas estratégias de Solé (2014), o modelo interativo de leitura foi o mais apropriado à nossa intervenção, uma vez que possibilitava aos alunos olhar para a parte de decodificação da língua e levar em consideração os conhecimentos, as ideias e as expectativas deles, de modo a atribuir sentidos ao texto lido. A aula girou em torno de tratar a leitura como um ato de ler, interpretar e compreender aquilo que liam. Outro procedimento importante é considerar que a atividade de leitura ocorre antes, durante e depois e isto foi posto em prática nas aulas de leitura aqui mencionadas. Antes da leitura, era exposto o objetivo dessa leitura: ler por prazer, ler para aprender, ler para verificar o que se compreende etc. Antes da leitura também é importante realizar perguntas que despertem os conhecimentos prévios do aluno, a exemplo do estudo do título do texto. Durante a leitura, as pausas são necessárias para a construção da compreensão da leitura e a retirada de dúvidas que podem atrapalhar essa leitura se não for possível fazer uma releitura. Depois da leitura torna-se necessário promover atividades que estimulem a reflexão sobre aquilo que foi lido, portanto, a escolha de atividade bem elaboradas são de suma importância para a consolidação do entendimento do texto e a efetivação da leitura realizada.

Essas escolhas de procedimentos foram produtivas na primeira aula de leitura: os alunos participaram, leram, comentaram, refletiram, criaram hipóteses e gostaram de todo o processo. Em último momento, os alunos aprenderam sobre o livro que estava sendo trabalhado e o seu autor, Márcio Benjamin. Eles folhearam o livro, falaram sobre a capa e conheceram um pouco sobre a história do autor para que se sentissem familiarizados com aquela obra.

Na segunda aula para a leitura, alguns procedimentos foram mantidos e outros foram modificados. O texto lido foi “Estradinha de barro” (que trabalha a lenda do papafigo), a sala de aula não foi tematizada para que os alunos percebessem que o que traz medo, receio e ansiedade na temática do suspense não é aquilo que está exterior ao texto, mas a forma e as escolhas (lexicais, semânticas e sintáticas) feitas no texto, que trabalham esses elementos plenamente. A leitura compartilhada foi preservada, as perguntas antes, durante e depois da leitura também ocorreram da mesma forma da aula anterior. A BNCC (2018, p. 71) pontua que

os textos trabalhados em sala precisam ser textos “[...] escritos, orais, multimodais e multissemióticos” e, partindo da importância de trabalhar o texto escrito com outras formas de manifestações, o gancho para a leitura do texto foi feito a partir de um vídeo⁴ no Youtube que abordava a história do personagem de forma mais dinâmica. Continuando com os procedimentos da aula anterior, perguntas de compreensão e interpretação foram feitas: sobre o conto, sobre o vídeo e a relação de ambos. Assim tomou fim as aulas de leitura.

O próximo momento foi pensado para trabalhar os elementos do gênero conto. No começo da aula, os alunos ditavam os elementos que eles acreditavam fazer parte do conto e o residente escrevia no quadro para explicar cada um detalhadamente. Após esse momento, cópias impressas de um mapa mental foram disponibilizadas juntamente com cópias dos textos lidos para que os alunos respondessem a uma atividade de reconhecimento do gênero.

Essa aula foi essencial para perceber que as aulas expositivas são importantes: sentar, ouvir o professor, utilizar o quadro, fazer anotações etc. Surgem pensamentos modernos sobre o trabalho em sala de aula diariamente, mas as aulas tradicionais também são importantes, reconhecer o professor como um orientador de conhecimentos, reflexões, assuntos, a importância de valorizar sua presença e sua bagagem em sala são fulcrais para um bom funcionamento educacional. Com a finalização e a correção das atividades, os bolsistas se sentiram seguros em avançar para um processo que foi, de longe, um dos mais desafiadores na experiência: o momento de orientar os alunos nas produções textuais.

Na terceira aula, após uma revisão/continuação do estudo do gênero conto e seus elementos, se iniciou o processo para o momento da primeira escrita. O residente orientou a turma sobre os passos que seriam seguidos a partir daquele momento: os alunos, sozinhos ou em duplas, iriam produzir pequenos contos de suspense para a construção de uma antologia. Um passo importante, orientado por documentos e teóricos da educação, é sempre mostrar o objetivo daquela atividade para o aluno. Qualquer atividade, para ser realizada, precisa de objetivos e de procedimentos metodológicos para atingi-los, portanto, é essencial explicar passo a passo do que será feito, orientá-los, mostrar o objetivo daquela atividade, a importância dela e como ela irá atuar beneficentemente na vida do estudante. Após os alunos se organizarem para escrever, foram copiados no quadro dez exemplos de elementos que eles poderiam utilizar para criarem suas histórias. Além dos exemplos, os alunos poderiam adaptar histórias que eles já conheciam ou criar histórias de sua própria imaginação. Os residentes se dividiram e foram orientando os discentes no momento de escrita.



⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HYZq31SVdJI>.

Neste momento da primeira escrita, os desafios foram muitos, pois os alunos diziam que não sabiam escrever, não mostravam seus textos porque estavam envergonhados, não conseguiam escrever a primeira linha do conto, diziam que iam tirar notas ruins com os textos. Obviamente, não foram todos que expressaram essas ações, mas é importante falar sobre isto, visto que mais de 80% da turma não conseguia e não queria escrever. Existem alunos que possuem uma habilidade maior, participam mais das aulas, possuem uma boa desenvoltura na leitura e na escrita, porém, é importante focar naqueles que possuem mais dificuldades, porque muitos não possuem as mesmas oportunidades, não tiveram as mesmas orientações e se acham incapazes de produzir boas “coisas” e isso precisa ser desmistificado e trabalhado.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), a composição textual demanda habilidades como leitura, compreensão e interpretação de textos, além de exigir proficiência na análise linguística/semiótica. Conforme indicado por este documento curricular, a escrita transcende uma mera prática mecânica, constituindo-se em um processo multifacetado que requer treinamento e desenvolvimento contínuo de diversas competências ao longo da trajetória educacional. Para escrever (e realizar diversas atividades em torno da língua), é necessário falar sobre concepção de língua(gem), ⁵pois isso orienta o trabalho com a língua e tudo o que a envolve. A PC-PB (Paraíba, 2019) e Geraldi (2011) compartilham de ideias semelhantes sobre a concepção de língua(gem) melhor adotada para o trabalho em sala: a língua(gem) como forma de interação. Essa concepção define “[...] linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos” (Geraldi, 2011, p. 34).

Partindo das orientações mencionadas acima, os residentes buscaram explorar a melhor forma de trabalhar com a escrita. Entretanto, foi perceptível que a teoria é distinta da realidade. Os alunos estão acostumados a produzir textos sem objetivos, que são escritos apenas para nota bimestral, que nunca são lidos por ninguém além do professor e a prática de produção textual se torna rarefeita. O tempo também é inimigo do trabalho com a escrita, fica impossível orientar os alunos em sala, corrigir seus textos e orientar a reescrita desses textos, porque o professor não tem tempo suficiente para isso. O que tornou possível o desenvolvimento das atividades foi o fato de estarem mais de um residente por turma, isso foi essencial para a finalização dos escritos

Após orientação e insistência, os alunos terminaram a primeira versão. Os residentes recolheram os textos e começaram o processo de correção textual: leram, releam, corrigiram certos termos, preservaram outros e colocaram opções para substituição. Cada texto possuía a

⁵ Para entender mais sobre as concepções pode-se consultar o documento da PC-PB (Paraíba, 2019, p. 80) e os escritos de Geraldi (2011, p. 34) que estão referenciados ao fim do relato.



indicação dos desvios gramaticais e textuais, possibilidades de substituição e as razões por que era necessário fazer essa correção para um melhor entendimento do texto. Na aula seguinte, os textos foram entregues e os residentes se dividiram nessa entrega: cada um ficou responsável por uma quantidade de alunos, entregaram os textos e conversaram com eles a respeito das correções necessárias. Nessa aula, os alunos reescreveram os textos e produziram as capas de seus contos com desenhos e colagens. Na última aula, a antologia⁶ foi construída virtualmente e impressa para o compartilhamento em sala. Os textos apresentavam as características de cada escritor, seus nomes e seus desenhos. O momento de leitura foi incrível, todos que fizeram parte desse processo ficaram orgulhosos com o sucesso da construção da antologia. Os alunos compartilharam seus pensamentos, leram os contos dos colegas, conversaram com os residentes e a professora e expuseram seus pensamentos: muitos achavam que não conseguiriam escrever e nem queriam fazer aquilo, mas se sentiram muito orgulhosos de terem persistido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão dessa experiência, houve grandes momentos de reflexões não somente do processo em sala de aula, mas também de todo o estudo, as pesquisas e as escolhas de materiais e procedimentos necessários para o trabalho em sala. As aulas de leitura e produção textual ofertadas na execução da sequência abriram a mente dos residentes sobre o trabalho com os eixos das práticas de linguagem. Não se tinha noção de como era o real trabalho com esses eixos e muito menos a melhor forma de abordagem na educação básica. Trabalhar leitura, falar sobre gêneros textuais e orientar os alunos do Ensino Fundamental a produzir seus próprios textos foi desafiador e profícuo para os residentes empenhados nesta tarefa.

Com o fim da aplicação da sequência didática, foi possível começar a entender como funciona o sistema escolar e a profissão docente. Muitos obstáculos presentes na educação brasileira só conseguem ser vistos, discutidos e compreendidos por aquelas pessoas que pisam nas salas de aula e sabem dos desafios que a englobam. É plausível afirmar que, por mais que se pense em como a profissão docente é desvalorizada e esquecida, somente consegue-se ter uma real ideia das dificuldades aquele que entra em uma escola, precisa conviver com todos os profissionais da instituição, lidar com a falta de recursos e conter, entreter e ensinar inúmeros alunos em pouquíssimo tempo. O Programa de Residência Pedagógica consegue ofertar a prática que tanto faz falta aos alunos que cursam licenciaturas e fornece a esses alunos a



⁶ Disponível em: [file:///C:/Users/Admin/Downloads/ANTOLOGIA%20DE%20CONTOS%20-%20Programa%20de%20Resid%C3%Aancia%20Pedag%C3%B3gica-1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Admin/Downloads/ANTOLOGIA%20DE%20CONTOS%20-%20Programa%20de%20Resid%C3%Aancia%20Pedag%C3%B3gica-1%20(1).pdf).

oportunidade de começarem a construir sua identidade docente. Leandro Karnal (2012), em seu livro *Conversas com um jovem professor*, pontua o seguinte sobre a sala de aula e a profissão docente:

No mundo perfeito, a sala é confortável, com temperatura agradável, os aparelhos estão à disposição e funcionam, ninguém precisa ir ao banheiro a cada cinco minutos e os alunos te esperam com um sorriso no rosto e sede de saber. Esse é o seu paraíso? É o meu também. Se você o deseja e luta por ele, você tem boa chance de ser um bom professor. Se você só pode trabalhar nesse paraíso e considera impossível ou indigno enfrentar outros purgatórios ou infernos, então... Tente outra coisa no mundo. (p. 21).

A vivência como bolsista da Residência Pedagógica apresentou aos residentes ambos: o paraíso e o purgatório, e isso é de uma importância tremenda, pois só quem consegue aceitar o purgatório e lutar para sair dele, consegue entrar de cabeça na profissão que está por trás de todos os êxitos das demais profissões. O momento da práxis (teoria-prática) é a oportunidade de tirar a venda dos olhos e decidir se aquele caminho pode nos fazer felizes, é o momento de saber se saberemos lidar com todo o peso da profissão docente e é a hora de saber que tipo de profissional queremos ser: o que prejudica os indivíduos por permanecer em algo que não é para ele ou aquele que luta todos os dias para melhorar um pouquinho mais os purgatórios da educação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2018.
- BENJAMIN, Márcio. **Maldito Sertão**. Jovens Escribas, 2020.
- BENJAMIN, Márcio. Casa de fazenda. In: **Maldito Sertão**. Jovens Escribas, 2020. p. 14-20.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 56-57.
- KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- LINO DE ARAÚJO, Denise. O que é (como se faz) sequência didática? **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/. Acesso em 06 ago. 2023.
- GERALDI, José Wanderley organizador; Milton José de Almeida... [et al.]. **O texto em sala de aula**. - 1.ed. - São Paulo São Paulo: Editora Ática, 2011.
- PARAÍBA, Secretaria de Educação e Cultura. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. João Pessoa: SEC, 2019. (p. 20 a 24 - 78 a 84).
- SOLÉ, Isabel. O desafio da leitura. In: **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.